

EDITORIAL

“2033 – Odisseia na linha”

“É por isso que, por aqui, o comboio não se apanha, espera-se”.

Antes de arrancar com o “Editorial” desta semana, apenas uma par de considerações. Sim, o tema é de novo a ferrovia. Não por estar propriamente na ordem do dia, mas, na verdade, por nunca o deixar de estar. Aliás, as peripécias e desventuras de quem usa o comboio como meio de transporte principal para a sua vida profissional ou para tratar dos seus afazeres pessoais, no eixo Beja-Lisboa, não terminam, nunca. Semana após semana acontece sempre alguma situação, ou situações, que acaba por nos relembrar do estado caótico em que está a linha do Alentejo, com especial enfoque nesta região, e os transportes ferroviários no geral. Depois, volto a recordar uma máxima ferroviária, que me foi transmitida por ligação familiar, há vários anos, de que os horários dos comboios não servem para ver a que horas chegam, mas, sim, quanto tempo trazem de atraso. Posto isto, vale muito a pena ler a peça desta semana do “Diário do Alentejo” em que Manuel Tão, especialista em transportes ferroviários, dá a sua visão sobre o processo de eletrificação e modernização do troço Casa Branca-Beja da linha do Alentejo. Num tempo em que, turisticamente, é celebrado o vagar do Alentejo, de forma irónica – e depois de lermos a análise de Manuel Tão – quase que nos dá vontade de dizer: “Bem-vindos ao Alentejo, a região onde o tempo teima em não passar e onde a Infraestruturas de Portugal (IP) e a CP decidiram elevar este conceito a um patamar artístico. Se vive em Beja ou utiliza a linha do Alentejo já sabe que a paciência não é apenas uma virtude, é um requisito básico de sobrevivên-

cia, quase tanto como a água no verão”. Este seria um bom *slogan*, de contornos trágico-cômicos, não fosse a seriedade da questão. As contas são fáceis de fazer: começando as obras no troço de 62 quilómetros, entre Casa Branca e Beja, em 2027 e terminando em 2033, correndo tudo bem e sem deslizes, serão sete anos. Sete longos anos à espera de algo que já devia estar feito há muito. E se neste momento o partido que governa, PSD, tem responsabilidade no não agilizar do processo, também o PS tem a sua responsabilidade no que a esta matéria diz respeito: na governação mais recente foram mais de oito anos no poder. Foi tempo mais do que suficiente para esta questão ter arrancado de outra forma e de maneira mais célere. Ou seja, sem fazer contas mais para trás, caso a eletrificação esteja concluída em 2033, será com mais de uma década de atraso – e isto sendo simpático. Parece inacreditável, mas é mesmo assim. E quem fala em ferrovia, pelo seu paradigma, poderíamos falar na saúde, na rodovia ou no esquecimento das regiões fora dos centros urbanos. Isto é apenas um exemplo de tudo o resto, em que o facto de sermos poucos, cada vez menos, pesa cada vez mais. É por isso que os horários dos comboios servem para ver os atrasos que trazem e não as horas certas a que chegam ou partem. E é por isso que, por aqui, o comboio não se apanha, espera-se. E teremos de continuar a esperar, por muito que isso nos pareça surreal. Espero enganar-me – e que bom seria –, mas todos sabemos que 2033, para os comboios, chegará mais tarde, talvez com um par de anos de atraso. Até lá, inspirados em Stanley Kubrick, aguarda-nos assistir ao desenrolar deste filme: “2033 – Odisseia na linha”.

MARCO MONTEIRO CÂNDIDO